

Belmonte, um documentário

Sandra Maret Scovenna*

RESUMO

Este texto se propõe a apresentar uma experiência pessoal onde a intersecção entre conhecimento histórico e cinema foi determinante para o direcionamento e a escolha de um tema para uma pesquisa de pós-graduação. Este presente escrito também almeja expor a obra de um grande artista paulistano da primeira metade do século passado, Belmonte.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema (documentário), Belmonte (Benedito Bastos Barreto), Conhecimento Histórico.

ABSTRACT

The purpose of this work is to present a personal experience, where the intersection between history and cinema was decisive to establish the direction and the choice for a topic research of post graduation. This work also aims to expose the workmanship of a great Brazilian artist from the first half of the Last century, Belmonte.

KEY WORDS

Cinema (documentary), Belmonte (Benedito Bastos Barreto), Historical Knowledge.

* Mestranda em História Social pela FFLCH/USP sob a orientação do Professor Marcos Antonio da Silva. Conta com o apoio do Cnpq desde novembro de 2008.

Na minha apresentação para o Simpósio Nacional de História deste ano, almejo compartilhar com os colegas algo da minha vivência pessoal com a pesquisa de pós-graduação; contarei sobre a conexão entre o assunto que escolhi estudar no mestrado e o cinema, e mais especificamente com um belo documentário: *Belmonte*.

Antecipo que minha pesquisa de mestrado¹ não tem produções fílmicas como fontes principais. Elas são totalmente outras; tratam-se das crônicas humorísticas impressas quase que diariamente no jornal paulistano *Folha da Noite*, e escritas por um artista atualmente pouco lembrado, principalmente se tomarmos como medida seu trabalho como cronista: Belmonte, pseudônimo de Benedito Bastos Barreto (1896-1947).

Hoje, Belmonte é considerado pelos profissionais ligados à área artística e cultural um chargista e caricaturista da imprensa paulista (e colaborador de diversas revistas e jornais brasileiros, especialmente fluminenses²), marcadamente atuante entre as décadas de vinte e quarenta. No entanto, poucos deles sabem que Belmonte foi, também, um talentoso cronista. Nesse sentido, seu trabalho literário para o jornal *Folha da Noite* permanece esquecido.

É possível olvidar-se de Belmonte quando o assunto é história e imprensa? Não, a menos que se queira cometer uma grande injustiça. Trabalhando diariamente por quase duas décadas na *Folha da Noite* e, com menor intensidade, na *Folha da Manhã*³, Belmonte foi ilustrador, caricaturista, e excelente e versátil escritor. Além do livro de crônicas *Idéas de João Ninguém*, de 1935, o artista publicara um outro no ano de 1933: *Assim falou Juca Pato*⁴. Também foram lançadas coletâneas de suas charges e caricaturas: *Angústias do Juca Pato*⁵, *No Reino da Confusão*, *Música, Maestro!*, *A Guerra do Juca e Caricatura dos Tempos*⁶.

¹ E cujo título, que talvez não seja o definitivo, é: *Nas Entrelinhas do Riso: as crônicas humorísticas de Belmonte (1933-1935)*. Dissertação não finalizada (em andamento).

² Em fins da década de dez, Belmonte iniciou contato com o Rio de Janeiro por meio da *Revista da Semana*, publicada à época como suplemento do *Jornal do Brasil*. Logo depois, começou a colaborar com a *D. Quixote*, e, a partir de 1922, com a *Careta*, reduto profissional do grande J. Carlos.

³ As *Folhas* tiveram uma longa permanência no meio jornalístico – foram publicadas até 1960, quando unidas para formação da *Folha de São Paulo* – e significativa participação na vida política do estado de São Paulo e do país.

⁴ *Assim falou Juca Pato (aspectos divertidos de uma confusão dramática)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933; *Idéas de João Ninguém*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. Seus dois livros de crônica constituem-se em uma seleção feita à época dos escritos publicados diariamente no jornal vespertino *Folha da Noite*.

⁵ *Angústias do Juca Pato*. São Paulo: Casa Editora Rochêa, 1926.

⁶ *No Reino da Confusão*. São Paulo: Edição da Folha da Manhã, 1939; *Música, Maestro!* São Paulo: Edição da Folha da Manhã, 1940; *A Guerra do Juca*. São Paulo: Edição do Autor, 1941 e *Caricatura dos Tempos*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948.

A Editora Melhoramentos lançou, em 1944, um livro de Belmonte intitulado *Brasil de Outrora*, no qual sobressaem os belos desenhos inspirados nas gravuras de Johann Moritz Rugendas (1802-1858).

Belmonte publicou ainda *No Tempo dos Bandeirantes* (São Paulo, Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939). Esse ensaio histórico revela-nos um árduo trabalho de pesquisa e uma profunda riqueza de detalhes na descrição do cotidiano dos moradores da São Paulo de antanho⁷. Logo, perante seus contemporâneos, o artista foi também historiador.

Em 1925, Belmonte criou para a *Folha da Manhã* aquele que tornaria famoso o seu trabalho de desenhista humorístico: o Juca Pato, personagem constantemente presente em suas charges até 1947. O Juca era magro, de aspecto frágil, baixo e careca (“de tanto levar na cabeça”). O personagem morava em São Paulo e sofria com os desmandos e a incompetência dos governos estadual, federal e municipal; além do mais, ele vivia esgotado por causa da exploração dos grandes monopólios estrangeiros que dominavam os serviços públicos da sua cidade. Juca era marcadamente queixoso e mal-humorado, como se carregasse toda a sociedade brasileira em suas costas.

Houve um amplo processo de popularização desse personagem amargurado e crítico, pois os problemas do Juca eram costumeiramente sofridos por parte considerável das camadas médias: o transporte público de má qualidade, a carestia, os altos impostos, as ruas esburacadas...

Acrescentando uma informação de caráter mais biográfico, Belmonte era um indivíduo doentio, que sofria desde jovem de uma moléstia crônica no pulmão⁸, e muito apegado às suas raízes: relutava em passar algum tempo fora de sua cidade, a capital paulista, onde nasceu, cresceu, trabalhou, criou família e morreu.

Mas voltando à temática do presente simpósio, que se dedica a abordar as relações existentes entre cinema e conhecimento histórico, posso dizer que o documentário *Belmonte* foi muito importante para o direcionamento de minha pesquisa de mestrado. E acrescento mais: tê-lo visto, há alguns anos atrás (2004), desencadeou o interesse – e uma investigação

⁷ As qualidades da obra de Belmonte foram sublinhadas por Néelson Werneck Sodré: “...Belmonte, Benedito Bastos Barreto, procedeu a um levantamento dos costumes paulistas dos três primeiros séculos com um rigor, uma exatidão, uma riqueza informativa que nenhum compêndio substitui. É toda a vida dos bandeirantes, seus hábitos, suas crenças, suas maneiras de encarar a vida, a administração, a coisa pública, a coisa privada, além dos objetos, as armas, os utensílios, as vestes, os ornamentos, a casa, o que comia, como fazia fogo, que Belmonte apresenta, despretensiosamente.” SODRÉ, 1960: 72.

⁸ Provavelmente tuberculose, doença que o fulminou em abril de 1947.

inicial - de minha parte sobre o artista, e foi fundamental para a escolha de meu tema de pesquisa.

O curta-metragem *Belmonte*, um documentário de dez minutos e quarenta segundos, revela-nos um criador bastante erudito (com um conhecimento “enciclopédico”⁹), versado em várias linguagens artísticas – ainda que o filme saliente a produção iconográfica de Belmonte – e corajoso: não hesitou em criticar a ditadura de Getúlio Vargas, teve sua obra controlada, e, por isso, voltou seu talento artístico contra o Nazi-fascismo e a Segunda Guerra Mundial. O filme desvenda-nos, também, um intelectual que destoava fisicamente da brancura epidérmica valorizada pela elite brasileira¹⁰, pois suas fotos apontam uma pele acentuadamente morena e cabelos bastante encaracolados, revelando uma provável ascendência africana.

O documentário *Belmonte*, que teve a direção de Ivo Branco, foi o ponto de partida para me fazer conhecer a vasta produção do artista paulistano. Nesse sentido, e por experiência pessoal, considero a produção fílmica uma importante aliada do conhecimento histórico, ainda que, se ela for abordada como fonte principal para análise, suas informações devam ser intermediadas com algumas outras indagações, seguramente: quem fez o filme?; Em que época ele foi feito, inserido em qual contexto histórico?; Com quais sujeitos de sua contemporaneidade o discurso implícito no filme dialogava e/ou discordava?

Essas perguntas tornam-se necessárias para não se elaborar uma leitura marcadamente ingênua do discurso cinematográfico.

Para não cair em uma falta reveladora de tamanha inépcia, o historiador, em geral, deve se cercar de farta bibliografia sobre a época em que a obra foi feita - e aquela da qual ela trata -, muitos livros referentes a conhecimentos sobre o discurso cinematográfico e a história do cinema, e reunir o máximo de informações sobre o cineasta e suas outras direções/produções (se houver).

Apesar da minha pesquisa de mestrado não versar especificamente sobre o documentário *Belmonte* - ou sobre quaisquer outras obras cinematográficas -, acredito que, sustentando-me em bibliografia especializada e em uma conversa empreendida com o diretor

⁹ Belmonte mostrava deter conhecimentos diversificados e aprofundados acerca da literatura brasileira, portuguesa, alemã, francesa e inglesa. Demonstrava conhecer bastante bem a filosofia européia, e tinha preferência pela leitura de Nietzsche. Também era atraído por história da arte e história do Brasil e da Europa.

¹⁰ Parcela considerável dela era adepta das teorias eugênicas, cujas fontes remontavam a Le Bon, Gobineau, Renan, Taine e La Pougé. Nas primeiras décadas do século XX, os maiores defensores e propagadores do paradigma racial e eugênico no Brasil foram, principalmente, Francisco José de Oliveira Vianna, o médico Renato Kehl.

do filme¹¹, posso apresentar alguns comentários e observações interessantes sobre este curta-metragem, ainda que meu modesto objetivo seja iniciar este assunto, mas de forma alguma esgotá-lo neste pequeno texto.

O documentário trata do percurso profissional e artístico de Belmonte, aborda sua biografia, e sublinha a luta travada por ele, por meio do lápis e do nanquim, contra a política autoritária do Estado Novo e a ascensão dos regimes de Hitler e Mussolini. Desde o princípio do filme percebe-se que o diretor privilegiou a exposição de charges, caricaturas e ilustrações, em detrimento das crônicas e pesquisas históricas realizadas pelo artista paulistano. Estes dois últimos aspectos do trabalho de Belmonte foram apenas citados *en passant*.

De qualquer forma, se considerarmos o período no qual o filme foi realizado (1980), onde havia apenas duas produções culturais voltadas para a compreensão da obra de Belmonte – um catálogo elaborado pelo Museu de Arte de São Paulo e pela Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *Belmonte Presente* (1978), e o livro IV da monumental obra de quatro volumes sobre a história da charge e da caricatura no Brasil, de autoria de Herman Lima, *História da Caricatura no Brasil*¹² -, ele adquire uma importância indiscutível: afinal, além da qualidade cinematográfica e documental, o filme prima pelo mapeamento de toda a obra do artista, que, até então, pelo menos desde a sua morte, havia sido quase que olvidado como escritor de literatura; neste caso, portanto, Ivo Branco fizera um cuidadoso e admirável trabalho de pesquisa¹³, que poderia ter sido dos historiadores.

Quando indagado do porque havia privilegiado em seu filme as charges, caricaturas e ilustrações de Belmonte em detrimento de suas crônicas e pesquisas históricas, o diretor confessou ser amante de desenhos, especialmente daqueles das histórias em quadrinhos (cuja expressão e linguagem dialogam, indubitavelmente, com o cinema) e das artes gráficas. Além do mais, revelou adorar caricaturas.

Ivo Branco é um cineasta que tem coerência quando da elaboração de seus roteiros. Voltado para um cinema mais autoral e cultural, lhe é instigante filmar histórias de vidas

¹¹ No dia 13/05/09, conversei com Ivo Branco por cerca de duas horas.

¹² Ele foi lançado em 1963. Herman Lima procurou estudar a obra de todos os chargistas e caricaturistas brasileiros que atuaram a partir da segunda metade do século XIX; logo, foram dedicadas dez páginas à obra de Belmonte. Ainda que H. Lima tenha criticado uma suposta falta de espontaneidade dos desenhos de Belmonte, para ele (conforme consta na página 1.371 do livro IV), as crônicas do mesmo revelavam “...um escritor que se sobrepunha em muito ao rabiscador das charges do mesmo jornal, por mais vigorosas que muitas vezes essas conseguiram ser.”

¹³ Ele procurou trabalhos de Belmonte em bibliotecas, em acervos pessoais e no arquivo do jornal *Folha de São Paulo*.

corajosas, fascinantes e atribuladas, como a de Patrícia Galvão¹⁴, trajetórias de intensa e ininterrupta produção artístico-intelectual, como a de Belmonte, e histórias de vidas profundamente oprimidas e exploradas, quase que marginais, como as das dançarinas (*stripers*) da degradada região chamada de *boca-do-lixo*, próxima ao bairro da Luz, na cidade de São Paulo¹⁵.

São trajetórias e vidas interessantes que seduzem Ivo Branco. É a ousadia de uma escritora comunista que permanece quase cinco anos presa nos porões da ditadura de Getúlio Vargas, sofrendo torturas; é um artista cujas críticas ao autoritarismo vigente na política brasileira são silenciadas pela censura do Estado Novo, mas que ele, corajosamente, continua atingindo-o de forma indireta, por meio de sátiras demolidoras voltadas contra o Nazismo e o Fascismo. Mas foi a produção artística de ambos, que impressiona pela sua quantidade e qualidade, o aspecto determinante para a realização dos filmes.

Tanto Belmonte como Pagú foram pessoas firmes, que procuraram enfrentar a repressão política (cada um ao seu modo) em busca de um pouco daquilo que se tornou um valor quase que sublime para as sociedades do Ocidente a partir dos séculos XVIII e XIX: a liberdade. E ao referirmo-nos a ela, um outro aspecto relevante do documentário *Belmonte* emerge: ele foi feito em fins dos anos 70, em um período no qual a ditadura militar imposta em 1964 era contestada por inúmeros grupos da sociedade brasileira: pelos combativos movimentos de trabalhadores, que, muito em breve¹⁶, fundariam o Partido dos Trabalhadores, por setores progressistas da Igreja católica, pela OAB e por parcelas consideráveis das camadas médias, que, de alguma forma, participavam destas manifestações da sociedade civil. As ameaças de repressão da polícia política e da censura já não eram mais suficientes para calarem parte da população insatisfeita com os rumos econômicos e políticos do país.

Nesse sentido, como alienar as referências às trajetórias de Belmonte e Patrícia Galvão¹⁷, críticos e inimigos da ditadura varguista, da luta pela democracia empreendida em fins dos anos setenta e início da década de oitenta? Poderíamos separar abruptamente um produto artístico da época de sua feitura? Teria Ivo Branco, um cineasta simpático ao ideário de esquerda, ignorado que seus filmes de 1981 e 1982 faziam uma alusão crítica à ditadura

¹⁴ Documentário curta-metragem *Eh Pagú, Eh!*. Ele estreou em 1982.

¹⁵ Documentário curta-metragem *Strip-Tease*. Estreou em 1988. O interesse de Ivo Branco pela vida de pessoas subempregadas, que trabalhavam e viviam na boca-do-lixo, está relacionado com os anos 70 e começo dos anos 80, quando ele e Ody Fraga (cineasta e produtor muito amigo dele à época) trabalhavam em uma produtora situada naquela região.

¹⁶ É junto com outros estratos profissionais.

¹⁷ Presentes nos documentários.

que imperava no Brasil de então? Possivelmente não. Ainda que o diretor quisesse mostrar as obras e as trajetórias de dois artistas fantásticos, ele não ignorou a possibilidade crítica de *Belmonte e Eh Pagú, Eh!* perante o governo dos generais.

* * *

Conforme as palavras de Ivo Branco, ele possui roteiros para filmes mais longos. No entanto, dado o caráter autoral de seus trabalhos, pouco voltados para o mercado, ele enfrenta uma série de dificuldades para lograr apoio financeiro aos seus projetos.

Por fim, ao ser questionado porque escolhera fazer um filme sobre Belmonte naqueles anos finais da década de 70, o diretor frisou que sempre adorou quadrinhos, ilustrações e artes gráficas. Revelou que os problemáticos assuntos abordados por Belmonte ainda lhe pareciam atuais, como a inflação (que, em 1980, ascendia dramaticamente), a corrupção dos poderosos, o alto custo de vida, a desigualdade social e a ausência de democracia. Mesmo nos dias de hoje, alguns deles parecem-nos bastante familiares.

E Ivo Branco também manifestou que sempre teve grande interesse na história dos anos trinta e quarenta, e que isso pode tê-lo influenciado na escolha de filmar sobre a vida e a obra de Belmonte e Pagú.

Ademais, as posições políticas de ambos se chocavam contra quaisquer regimes antidemocráticos, e estas atitudes provocaram o cineasta para conhecê-los mais detalhadamente, fato este que desencadeou duas histórias mais amplas de trabalho artístico, só que agora circunscritas temporalmente ao último quartel do século passado.

* * *

Informações gerais sobre o filme *Belmonte*:

Gênero: documentário

Produtores: Alfredo Palácios / Kinoart Filmes Ltda.

Pesquisa, argumento, roteiro e direção: Ivo Branco

Duração: 10 min. e 40 segundos.

Cor: P & B.

Ano de Estréia: 1981

Sinopse: a partir da narração de Rodrigo Santiago e de imagens¹⁸ “colocadas” em movimento por meio do Table – Top¹⁹, o documentário nos apresenta a temática da obra de Belmonte inserida na contínua modernização e crescimento da cidade de São Paulo dos anos 1920-40. Esta temática também se revela permeada pelos tumultuados acontecimentos político-econômicos do Brasil e da Europa, como as conseqüências da crise econômica, a *Revolução* de 1930, a *Revolução* Constitucionalista de 1932, o progressivo autoritarismo do governo de Getúlio Vargas e o Nazi-fascismo.

Referências Bibliográficas & Bibliografia Completa

BELMONTE. *Idéas de João Ninguém*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

_____. *Assim Falou Juca Pato. (aspectos divertidos de uma confusão dramática)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

_____. *No Tempo dos Bandeirantes*. São Paulo: Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de São Paulo, 1939.

_____. *Música, Maestro!* São Paulo: Edição da Folha da Manhã, 1940.

_____. *Brasil de Outrora (desenhos inspirados em Rugendas)*. São Paulo: Melhoramentos, 1944.

_____. *Caricatura dos Tempos*. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

Belmonte Presente. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia – DACH – Comissão de Artes Plásticas – MASP, 1978.

FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1984.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIMA, Herman. *História da Caricatura no Brasil – volume IV*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963, p. 1362-1372.

SILVA, Marcos Antonio da: “A Guerra de Belmonte: humor gráfico e política no Brasil durante a segunda guerra mundial”, In: COGGIOLA, Osvaldo (org.). *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã/FFLCH-USP, 1995, p. 337-348.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e Ministério da Educação e Cultura, 1960.

XAVIER, Ismail. *Sétima Arte: um culto moderno*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *O Discurso Cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

¹⁸ Sobretudo páginas de jornais, filmagens da época sobre a cidade de São Paulo e fotografias.

¹⁹ Table – Top era um recurso (equipamento) usado para dar às imagens impressas e fotográficas a impressão de que elas não eram estáticas. Mas nas últimas duas décadas, após o uso contínuo da computação no cinema, o Table – Top vem sendo bem menos usado. Esta informação de caráter mais técnico sobre a feitura do filme eu devo ao diretor Ivo Branco.